

teria tomado conhecimento das presenças sobre as autoridades alemães feitas em seu nome pelos diplomatas vaticanos — e que portanto não tinha, ao contrário do que afirmavam os seus diplomatas, qualquer intenção de protestar se a perseguição aos judeus prosseguisse — ou do refúgio concedido a judeus no seio do próprio Vaticano (pp. 310-312). Como toda a obra, também este desfecho da história contada por Cornwell em *Hitler's Pope* não é nem convincente nem coerente.

BRUNO CARDOSO REIS

*Alexandre Castro Caldas, A Herança de Franz Joseph Gall. O Cérebro ao Serviço do Comportamento Humano*, McGraw-Hill Editora, Amadora, 1999.

*A Herança de Franz Joseph Gall* é o título que Alexandre Castro Caldas, professor de Neurologia da Faculdade de Medicina de Lisboa, ele próprio herdeiro de uma das mais distintas cátedras da medicina portuguesa, clínico e investigador credenciado na área a que chama «neurociências cognitivas», escolheu para um livro que pretende explicar como está «o cérebro ao serviço do comportamen-

to humano». Este subtítulo é, decerto, mais revelador do que a herança de alguém que é, para a maior parte daqueles a quem a obra se destina, inteiramente (e de certo modo injustamente) desconhecida. De Gall ficou apenas a expressão corrente de «ter bossa» para a música ou para a literatura, significando uma particular aptidão para essas artes. Mas ele foi um dos primeiros, como Castro Caldas explica, a tentar localizar as funções nervosas em áreas específicas do cérebro, conceito operacional ainda hoje fundamental para o diagnóstico e a terapêutica das afecções do sistema nervoso.

Este volume é produto de um notável talento didáctico. Em discurso directo, por vezes na primeira pessoa, noutras num plural majestático, e com meridiana clareza, dirige-se o autor a uma assembleia larga; psicólogos, filósofos, técnicos de reabilitação, enfermeiros e professores do ensino secundário são a audiência a quem, a meu ver, o livro pode servir. É, de facto, um *précis*, demasiado elementar em áreas como a anatomia, a fisiologia, ou das correlações clínico-patológicas, para ser de real utilidade a um estudante de medicina. Para tanto teria sido útil, por exemplo, tratar também a neurobiologia do desenvolvimento — certamente uma disciplina fundamental do novo século —, a neurofarmacologia, ou a neuroendocrinologia, pois o eixo hipotálamo-hipofisário tem, aliás, um papel não desprezível nalgumas das funções que são objecto deste trabalho.

A opção do autor foi outra, e ilustrou habilmente com casos da experiência própria e alheia aspectos variados da teoria básica das funções nervosas superiores. Não procurou demonstrar erudição, mas não esconde uma cultura vasta, em amálgama feliz de referências científicas cuidadosamente seleccionadas e actualizadas com alguns clássicos da literatura neurológica e, o que me parece de realçar, da literatura *tout court*.

As ilustrações que seleccionou têm a austeridade segmentada dos desenhos de computador, mas tenho pena de que não tenha recorrido a imagens de outra qualidade informativa, como a tomografia axial ou a ressonância magnética, que tão bem ilustram muitas das conexões anatómicas e funcionais que se pretendem demonstrar.

O texto é, de um modo geral, isento de erros ou gralhas, mas uma segunda edição obrigará a uma revisão mais cuidada. Por exemplo, na p. 68 menciona-se o estudo pela técnica de doppler que é ilustrado na figura 4.2 por uma angiografia e angio-ressonância. Na p. 267 é referida uma caixa da p. 270, que está de facto duas páginas adiante e não contém, aliás, qualquer informação relevante.

Para este leitor, a qualidade dos vários capítulos oscila um pouco, embora todos eles sejam de apreciável rigor. Poder-se-á argumentar quanto ao critério de escolha de certas matérias. Por exemplo, o autor menciona com algum pormenor a encefalite letárgica, hoje praticamente desaparecida, e não refere os qua-

ros neurológicos determinados pelo HIV, causa crescente de demência orgânica.

O capítulo a que chama «Os sensores» é excelente, faltando apenas uma palavra sobre o trabalho seminal de Huber e Wiesel sobre a organização neuronal do córtex visual.

O capítulo sobre a memória é de leitura aprazível e o seu conteúdo, embora algo elementar, explica em termos simples um dos campos mais complexos das neurociências contemporâneas.

Dominância cerebral, linguagem, escrita e leitura são capítulos de grande qualidade, o que não surpreende, dada a experiência do autor nestas áreas, em que tem também investigação original de peso. É interessante, igualmente, a forma como trata o acto motor ao serviço das outras funções superiores, abordagem para mim nova e particularmente didáctica.

Concedeu, com justiça, foros de nobreza ao «esquecido» hemisfério direito, mas terá «esquecido» uma área interessante e com curiosas implicações sociobiológicas que diz respeito às diferenças sexuais.

Dedica um capítulo independente a esse bem desenvolvido «cabo» que une os dois hemisférios, o corpo caloso, que os neurocirurgiões interrompem sem cerimónia, área em que o autor tem também contribuição própria.

Intrigou-me, pela imprecisão subjacente, o título que escolheu para falar do lobo frontal: «As funções geralmente atribuídas...» O

tema merecia, a meu ver, um tratamento histórico mais extenso não só por respeitáveis razões de ordem patriótica, dada a contribuição portuguesa para a psicocirurgia, mas porque, de facto, a grande questão da neuropsicologia permanece o papel integrador desta área considerada particularmente desenvolvida no homem, embora este conceito esteja a ser questionado pelo trabalho de anatomia comparada de Hanna Damásio e colaboradores.

Quanto à consciência, ficou pelas «janelas» e não as abriu de par em par, o que, de certo modo, se aceita, pois não chegaria um outro volume só para este tema. De notar que evitou também falar da «inteligência», palavra que nem sequer consta no índice remissivo, matéria que me parece teria tido alguma utilidade para os estudantes de psicologia que recorrem a este texto.

Creio ter sido Jules Renard, escritor e crítico literário de princípio do século passado, que declarou não ler os livros que criticava para não ser influenciado. Eu li esta «herança» com interesse e proveito e confesso que já há muitos anos não voltava ao acto simples de estudar um texto desta natureza. Este é um volume da maior utilidade para um público de leitores de formação muito diversa, escrito por um clínico e investigador de notável craveira, com o particular dom de simplificar o que é complexo, sem trair o rigor do que é hoje aceite como verdade, numa ciência em permanente ebulição criativa.

*João Caraça, Science et communication*, colecção «Que sais-je?», n.º 3502, 127 páginas, Paris, PUF, 1999 (tradução integral da obra *Ciência*, publicada na colecção «O Que É», n.º 19, 111 páginas, Lisboa, Difusão Cultural, 1997).

Num país onde soubemos há pouco que 79% dos portugueses ainda acreditam em milagres, este livro, publicado doravante também em França, é um valioso antídoto para a credence e paraciência que grassam energeticamente entre nós, com a «auto-ajuda» de alguns editores comerciais, ansiosos do lucro fácil dessa mina, e em minagem fraudulenta do direito à sanidade de espírito do leitor consumidor.

Aliás, a ciência é a detentora dos verdadeiros e únicos milagres. E estes, mesmo que todos falsos, são incomparavelmente mais empolgantes do que as lendas e segredos dos livros de capa negra do escaparate ao lado. Chamar a estes últimos de «paraciência» é em sobredemasia dignificante — já para não dizer de insultuoso para os paramédicos. «Patafísica», que ressoa com «patacuada», é-lhes designação bem mais superadequada.

Começo, assim, por atacar a concorrência. E, se acaso o leitor paracientista só puder ler um livro sobre ciência, então que leia este de João Caraça. Efectivamente, o autor oferece-nos, de modo exemplar, um livro bem organizado e sintético — o índice isso atesta — onde nos transporta men-